



DA CULTURA ORAL À CIBERCULTURA: RETROSPECTO DAS TECNOLOGIAS AO LONGO DO TEMPO

Gislaine Gracia Magnabosco¹
Pedro Paulo Ayrosa (Orientador)

RESUMO: No presente artigo buscou-se realizar um retrospecto histórico visando assinalar as peculiaridades da cultura oral, da cultura escrita e da atual cibercultura observando como ocorre, em cada cultura, a interação humana (o espaço e o tempo dessa interação). Ao discorrer sobre as características de cada uma, constatou-se que as diferentes tecnologias ligadas à determinada cultura influenciaram e influenciam nas interações possíveis.

Palavras-Chave: Cultura Oral, Cultura Escrita, Cibercultura.

1 AS TECNOLOGIAS AO LONGO DO TEMPO

Lemos (2002) refletindo sobre o desenvolvimento tecnológico ao longo da história, menciona que este possui três fases distintas e progressivas - a fase da indiferença (até a Idade Média), a fase do conforto (modernidade) e a fase da ubiqüidade (pós-modernidade):

1. **A primeira fase** é caracterizada pela mistura entre arte, religião, ciência e mito. A vida social é um todo coerente que gira em torno de um universo sagrado. A técnica e a ciência não têm um estatuto privilegiado porque estão imersas na dimensão global. Nesta fase, o olhar em relação à técnica está próximo da indiferença. A técnica não é uma realidade em si, independente das outras esferas da cultura.

2. **A segunda fase** é localizada no princípio da modernidade. A natureza é dessacralizada, controlada, explorada e transformada. A mente está separada do corpo. A razão torna-se independente e é, daqui em diante, a norma que dirige o progresso das condições materiais de existência. A ciência substitui a religião no monopólio da verdade, e a tecnologia faz do homem um Deus na

¹ Especialista em Língua Portuguesa e Informática na Educação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Atualmente é mestranda em Estudos Linguísticos, linha Texto e Discurso, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: gigracia@hotmail.com. Telefone para contato: (43) 9124-6508.

3. administração racional do mundo. A cidade é o resultado do planejamento urbanístico onde a tecnosfera prevalece sobre a ecosfera. A dimensão sócio-técnica mistura coragem e fascinação, explora, domina, territorializa o espaço e o tempo. A modernidade é a fase da ideologia em substituição à do mito, sendo a ideologia um discurso que atua como promessa de transformação e controle da vida social. Poderíamos dizer que essa é a fase do conforto (domínio da natureza) e de preparação para o futuro. A modernidade tecnológica foi estruturada na conquista do espaço, no progresso tecnológico e científico, na urbanização e na utilização intensiva em energia.

4. **A terceira fase** é a da ubiqüidade pós-moderna, ou a fase da comunicação e da informação digital, corresponde à conclusão da fase do conforto (a natureza é agora controlável), e ao surgimento da tecnologia digital permitindo escapar do tempo linear e do espaço geográfico. Entra em jogo a telepresença, os mundos virtuais, o tempo instantâneo, a abolição do espaço físico, em suma, todos os poderes de transcendência e de controle simbólico do espaço e do tempo. É a fase da simulação, a fase da cibercultura. As ideologias da modernidade perdem forças e são substituídas pela ênfase no presente, numa sociedade cada vez mais refratária às falas futuristas, cada vez mais submergida em jogos de linguagem.

Vê-se, então, que ocorre gradativamente uma substituição das explicações baseadas nas crenças, mitos e na magia, para uma explicação e extrema valorização da ciência como técnica universal e como única garantia de verdade. Essa extrema valorização do conhecimento científico acaba por transformar a tecnologia moderna em instrumento legítimo de transformação e regeneração do mundo. A máquina passa a ser o símbolo mais importante da nova era e toda a experiência da realidade passa a ser tecnológica.

Essas três fases mencionadas por Lemos são importantes para elucidar as transformações contemporâneas da civilização. Sabe-se que a humanidade se formou primeiramente com a ajuda do discurso oral, e só tempos depois tornou-se letrada. Desta forma é importante realizar um retrospecto sobre a primeira grande transformação na ecologia das mídias: a passagem das culturas orais às culturas da escrita, e destas à cibercultura. Neste sentido, Lévy (1999) menciona que nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto em que são produzidas. Porém, com o surgimento da escrita, os textos se separaram do contexto imediato em que foram produzidos. Isso permitiu, por exemplo, a leitura de uma mensagem escrita cinco séculos antes ou redigida a cinco mil quilômetros de distância.

Agora, com a cibercultura, o autor comenta que tornou-se possível levar as mensagens de volta a seu contexto como ocorria nas sociedades orais, mas em outra escala, em uma órbita diferente. Agora a universalidade não depende mais da auto-suficiência dos textos, de uma fixação e de uma independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens

entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação, que lhe dão sentidos variados em uma renovação permanente.

1.1 A CULTURA ORAL

Freitas (2006) defende que a oralidade é a forma de linguagem básica do homem, uma vez que, das milhares de línguas faladas na humanidade, apenas cerca de 106 podem ser consideradas detentoras de um sistema escrito. Assim, sendo a fonte primária da elocução humana, a oralidade foi, por muito tempo, a única forma de comunicação que o homem possuía e, nessas sociedades a interação direta com o outro, no mesmo espaço e tempo, era fator primordial para o entendimento e a transmissão de informações.

Lévy (1999) relata que nas sociedades orais, as mensagens lingüísticas eram sempre recebidas no tempo e lugar em que eram emitidas. Emissores e receptores compartilhavam uma situação idêntica e, na maior parte do tempo, um universo semelhante de significação. Os atores da comunicação evoluíam no mesmo universo semântico, no mesmo contexto, no mesmo fluxo vivo de interações.

Dependendo da relação que essas sociedades possuem com a oralidade, elas são categorizadas de uma forma ou de outra. Nesse sentido, Ong (1998) menciona que há dois tipos de oralidade: a primária e a secundária. A primeira seria aquela que caracterizaria uma cultura desprovida do conhecimento de qualquer forma de escrita. Já a segunda seria uma cultura que teria, usaria e sofreria os efeitos da escrita; como, por exemplo, a atual cultura tecnológica que, ao mesmo tempo em que estimula a oralidade, depende da escrita.

Nas culturas predominantemente orais a memória é a grande responsável pela preservação dos relatos, do conhecimento. Só é possível saber o que é possível recordar. “Pensar significava ter pensamentos memoráveis” (FREITAS, 2006).

Com isso, numa cultura oral primária os discursos são mais aditivos do que subordinados. É o contexto em que são produzidos que confere significados aos discursos e a repetição, a redundância do já dito é que mantém o fluxo da interlocução entre falantes de uma cultura oral.

Desta forma, vinculada mais ao presente, a cultura oral prende-se às situações vividas, ao cotidiano, ligando-se mais às descrições. Por ser predominantemente falada, não se pode retroceder no tempo já que o dito não volta atrás: desaparece logo após ter sido pronunciado.

Nesta cultura, conhecer, aprender, “implica uma identificação íntima, empática com o conhecimento” (ONG, 1998).

1.2 A CULTURA ESCRITA

Com o advento da escrita abre-se um novo espaço de comunicação anteriormente desconhecido pela cultura oral: agora se podem conhecer mensagens produzidas por pessoas que não estavam inseridas em um mesmo contexto, que não dividiam, necessariamente, o mesmo espaço, e que não estavam em interação direta.

Nasce, então, a possibilidade das mensagens “fora de contexto”; o advento de um universal fundado pela escrita no qual o que deve permanecer imutável, de acordo Lévy (1999), é o sentido: o significado da mensagem deve ser o mesmo em toda parte, hoje e no passado

A escrita, possibilitando o registro, liberta a mente do esforço de recordar e o significado da comunicação passa a ser dependente de uma gramática e de uma estrutura lingüística. Como comenta Freitas (2006), com a tecnologia da escrita, além da eliminação da redundância tornou-se possível reler o que foi escrito, voltar voluntariamente a todos os elementos que estão incluídos no texto.

Distante, então, do seu contexto de produção, a escrita se refugia em conceitos e lógicas de abstração, isolando e separando o conhecedor do conhecido, levando o sujeito mais à introspecção. Esse sujeito em contato, então, com uma nova técnica de comunicação, passa a utilizar um novo sentido: a visão; já que com a escrita, as palavras não são mais ouvidas, mas vistas; entretanto, o que se vê, como lembra Ong (1998), não são as palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais: o som se reduz ao registro escrito.

Com todas essas possibilidades e transformações, novas tecnologias acabam surgindo: a impressão agora é possível graças a invenção de Gutenberg e os sujeitos passam a conviver com formas de disseminação do conhecimento antes nunca vistas. O livro, jornais, folhetins, passam a fazer parte do cotidiano dos leitores e o conhecimento aos poucos vai se disseminando entre as diversas camadas da sociedade.

Freitas (2006) comenta que, com a multiplicação do material escrito aos poucos a impressão foi movendo as palavras do mundo do som para o do espaço visual e foi fixando-as de uma maneira muito mais rígida do que a escrita o havia feito. Os impressos tornam-se mais legíveis e favorecem a leitura rápida e silenciosa.

Para a autora, a impressão foi a grande responsável por alterar a forma como o texto se organiza no códex e no livro, uma vez que permitiram o advento dos índices, das páginas de rosto, da distribuição em linhas e parágrafos. Além disso, foi pela possibilidade da impressão que surgiram os dicionários, enciclopédias, obras científicas e a diminuição do tamanho dos livros, o que favoreceu o individualismo.

Os sujeitos defrontam-se, então, com uma revolução que trazia em seu bojo novos objetos, que lhes permitiam novos pensamentos, mas que, ao mesmo tempo, exigiam deles o domínio de técnicas de escrita e/ou de leitura inéditas. Neste momento, a leitura em público passa a ser utilizada com menos fervor e a leitura

solitária, silenciosa, começa a ganhar seu espaço. Criavam-se bibliotecas públicas e o autor passava a ser o elemento mais valorizado do sistema literário. Os resultados culturais foram inevitáveis.

Como comenta Zilberman (2001), os gêneros da escrita se sobrepuseram aos demais modos de comunicação, relegando a oralidade à situação subalterna. O indivíduo detentor da habilidade de ler e escrever passou a deter valorização específica na sociedade. A escola foi se tornando obrigatória e estabelecendo como norma certo comportamento de entrada do estudante: sua primeira tarefa é aprender a ler e a escrever. Outros aparelhos, menos ostensivos, mas igualmente eficazes, foram convocados a colaborar para a propagação e institucionalização da escrita.

A escrita, então, conquista o mundo em todas as áreas: política, econômica, social. Toda a comunicação humana passa, direta ou indiretamente, a ser influenciada por ela.

1.2.1 O PODER DA ESCRITA *VERSUS* A INFORMALIDADE DA FALA

O advento da cultura escrita traz consigo uma tendência de supervalorização da escrita em detrimento da fala. Neste contexto, a escrita passa a ser considerada monologada, estável, sem variação, previamente planejada, normatizada, descontextualizada, complexa, abstrata, tematicamente condensada, formal. E a fala, por sua vez, como predominantemente dialogada, marcada pela variação, não planejada, contextual, de estruturação sintático-lexical mais simples, concreta, tematicamente descentrada, informal.

De acordo com Marcuschi (2001), nessa tendência de análise de dicotomias estritas, a fala passa a ser considerada o lugar do erro e do caos gramatical; já a escrita, o lugar da norma e do bom uso da língua. Essas caracterizações levaram as manifestações lingüísticas, por meio da escrita, a serem avaliadas positivamente, e as outras, negativamente. Essa valorização positiva da escrita foi, em grande parte, responsável pelo lugar de evidência que foi dado aos estudos dos aspectos normativos da língua e, em decorrência, pelas constantes preocupações em definir normas de bom uso da língua, identificadas com o padrão culto desse uso. As manifestações faladas, evidentemente, não receberam esse destaque. Pelo contrário, nem era de interesse dos gramáticos abordarem questões referentes ao uso da língua nessa modalidade, até porque, para eles, não havia distinção entre falar e escrever bem. Defendiam o ideal utópico de que fala bem aquele que fala como escreve.

Sobre esse aspecto, Marcuschi (*ibid*) defende que a fala não apresenta propriedades intrínsecas negativas, nem possui a escrita propriedades intrínsecas que a tornem superior. Ambas, fala e escrita, são modos de representação cognitiva e social que se manifestam em práticas específicas. Postular qualquer espécie de

supremacia de uma sobre a outra é, sem dúvida, do ponto de vista das ciências da linguagem, atitude equivocada.

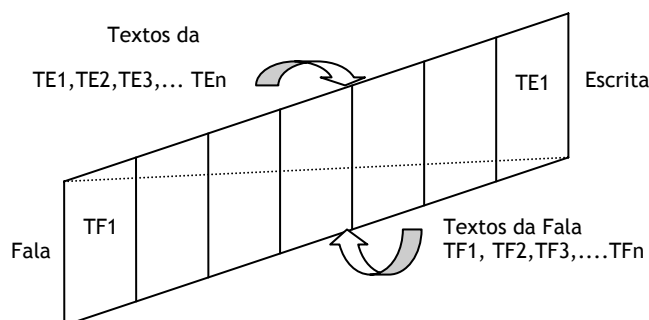
Segundo Hilgert (2000) “fala e escrita não mais referem tipos de textos dicotomicamente antagônicos, mas sim identificam gêneros de textos configurados por um conjunto de traços que os levam a serem concebidos como textos falados ou escritos em maior ou menor grau”. Desta forma, fala e escrita não mais designam só o código, mas também as formas e atividades comunicativas.

Partindo deste mesmo ponto de vista, Marcuschi (2001) menciona que, ao esclarecermos a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e falada) estaremos determinando o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e das práticas de letramento. Desse modo, é justificável a comparação de ambas no eixo de um contínuo sócio-histórico de práticas.

Diferenciando oralidade e letramento (práticas sociais) de fala e escrita (usos da língua), o autor estabelece que a relação entre as segundas não deve ser mais comparada a uma dicotomia polarizada e sim analisada no contexto do efetivo uso lingüístico, que se concebe num *continuum* tipológico de gêneros de textos, determinado pela correlação entre as modalidades.

Há, pois, práticas sociais mediadas preferencialmente pela escrita e outras pela tradição oral. Classificar, então, a escrita como uma expressão estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata, e a fala como concreta, contextual e estruturalmente simples, é restringir essa análise ao código, o que não é o mais adequado. Tanto a fala como a escrita apresentam um *continuum* de variações, ou seja, variam. Compará-las, então, deve ter como critério básico de análise uma relação fundada no *continuum* de gêneros textuais evitando, assim, as dicotomias estritas. Devem ser vistas e analisadas na perspectiva do uso e não do sistema.

O quadro que se segue apresenta o *continuum* dos gêneros textuais. Observando-o, verificaremos que as diferenças não são mais polarizadas, mas sim graduais e contínuas. São duas alternativas de atualização da língua nas atividades sócio-interativas diárias. Nele, há dois domínios lingüísticos: a fala e a escrita, os quais contêm diversos gêneros tipológicos, que estão dispostos em seqüência, respectivamente, na fala e na escrita. O plano superior representa o *continuum* da escrita e o inferior o da fala.



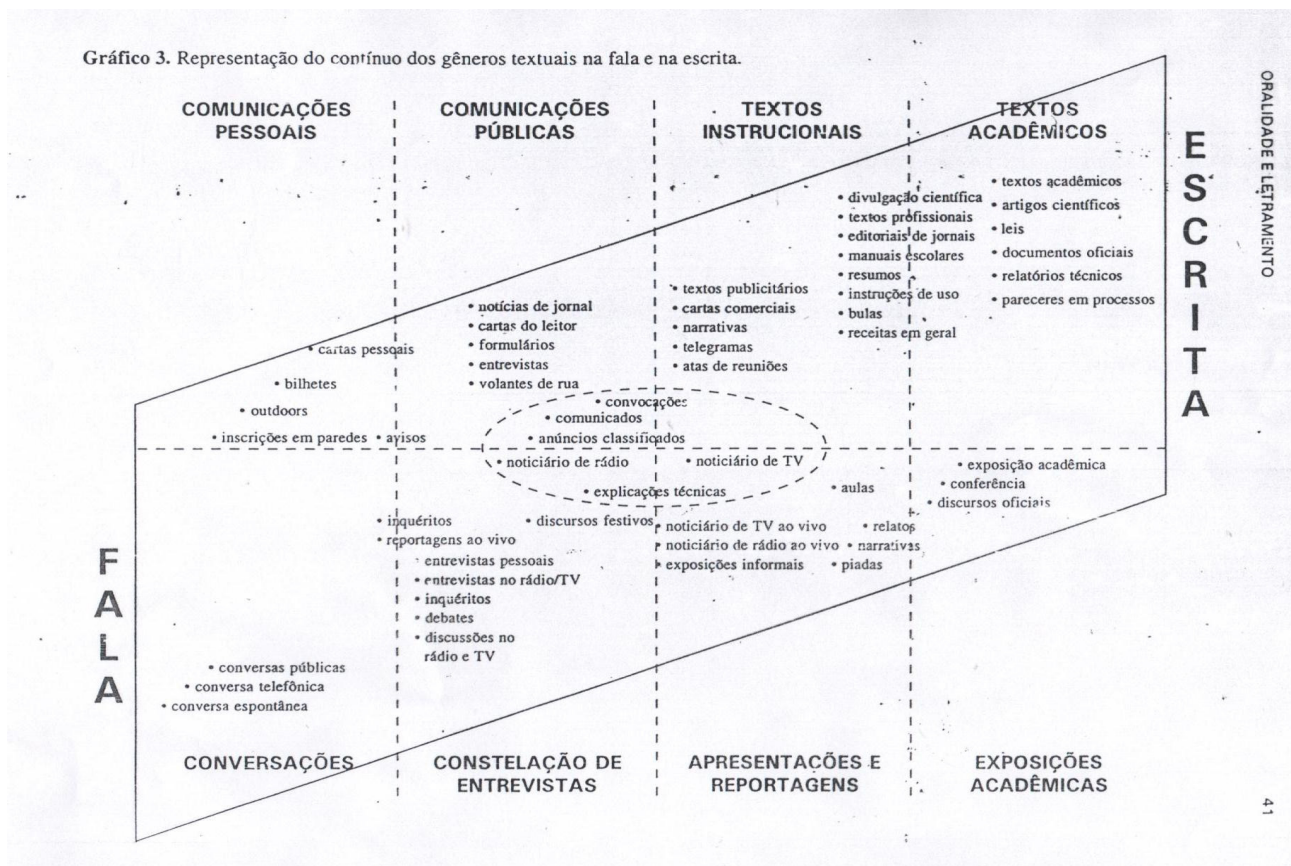
Adaptado de Hilgert (2000)

É de caráter falado toda a manifestação lingüística (fonética ou gráfica) produzida em condições de interação e com estratégias de formulação próprias ao uso da linguagem na realização de determinadas práticas sociais. Em outras práticas sociais, circularão manifestações lingüísticas realizadas em diferentes condições de comunicação e com estratégias de formulação específicas, as quais terão o caráter da escrita.

Tendo-se **T** como textos, **TF1** representa o texto-protótipo da fala (as conversações, por exemplo), por ter, do ponto de vista medial, caráter fônico e por ser concebido como essencialmente falado. A partir dele, há os **TF2, TF3, TF4,... TFn**, todos falados do ponto de vista de sua realização fônica, mas gradativamente concebidos como textos escrito, como os textos das exposições acadêmicas ou de sermões. **TE1**, por sua vez, representa o texto-protótipo da escrita (textos acadêmicos, artigos científicos, textos profissionais, contratos, documentos oficiais, etc.), por ter caráter gráfico e ser essencialmente concebido como um texto escrito. **TE2, TE3, TE4,... TEn**, seguem como textos escritos, contudo, vão gradativamente assumindo características da fala, passando então à concepção de textos falados, como os bilhetes e as cartas pessoais, no pólo esquerdo do canto superior.

Verifica-se que a noção de texto falado e escrito é definida por meio de características não só relativas ao ponto de vista do meio de produção, mas também, e especialmente, pela sua concepção discursiva. A noção de *continuum* tipológico reforça a tese de que há mais semelhanças entre as modalidades discursivas da língua do que diferenças entre elas e que a dicotomia entre as modalidades discursivas é algo incoerente, pois o *continuum* comprova que oralidade e escrita compõem um mesmo sistema lingüístico e que, por essa razão, não são estanques, apesar de seus processos e meios de produção serem distintos.

Estudar a relação fala-escrita pelo *continuum* proposto por Marcuschi torna-se essencial não só para acabar com a dicotomia que as envolvem, mas também como um importante conhecimento para analisar e entender a linguagem utilizada nos discursos produzidos na cibercultura. Com o advento da tecnologia e, conseqüentemente, dos gêneros que nela surgem, os usuários acabam mesclando fala e escrita à outras semioses, tudo visando uma melhor interação em um mesmo suporte de comunicação.



Adaptado de Marcuschi (2001)

1.3 CIBERCULTURA

Com a saturação dos ideais da modernidade (razão, progresso, futuro, etc.) e, com as novas possibilidades da micro-eletrônica, o mundo é surpreendido com o surgimento de novas formas de sociabilidade. A cultura contemporânea, associada às tecnologias digitais (ciberespaço, simulação, tempo real, processos de virtualização, etc.), acaba por criar uma nova relação entre a técnica e a vida social, a chamada cibercultura.

A tecnologia que foi o principal instrumento de separação, alienação, do desencantamento do mundo, do individualismo positivista, vê-se investida pelas potências refutadas pelo racionalismo moderno. O mundo vai tomar nas mãos as novas possibilidades da micro-eletrônica e do desenvolvimento de redes de comunicação. É o surgimento da cibercultura, que nasce nos anos 50 com a informática e a cibernética e começa a se tornar

popular na década de 70 com o surgimento do microcomputador, estabelecendo-se completamente nos anos 80 e 90: em 80 com a informática de massa e em 90 com as redes telemáticas, principalmente com o *boom* da Internet. (LEMOS, 2002, p.98)

Na cibercultura modificam-se conceitos antes impensáveis. A Internet promove um mundo de interconexão no qual cada usuário pode montar suas próprias redes e estabelecer suas próprias portas de comunicação. Tornando-se uma rede global de redes de computadores e abarcando o mundo todo com o desenvolvimento da World Wide Web – WWW, a Internet transforma-se em um rede flexível e permite que instituições, empresas, associações e pessoas físicas criem os próprios sites, servindo estes de base para todos os indivíduos com acesso poderem produzir sua homepage, feita de colagens variáveis de textos e imagens.

A comunicação, síncrona ou não, torna-se a base da nova tecnologia. Agora o usuário interage com o outro através do computador, com a possibilidade de áudio, som, vídeo. O tempo, agora, passa a ser o do aqui e do agora; e o espaço um universo de informações navegáveis de forma instantânea e reversível.

Como ressalta Lévy (1999), o ciberespaço torna-se o novo meio de comunicação da interconexão mundial dos computadores. Especificando não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Para o autor, a “cibercultura” especificaria o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamentos e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.

1.3.1. TEMPO E CIBERESPAÇO

Teilhard (*apud* SANTOS, 2001) afirma que o espaço físico não é suficiente para responder à intensidade do pensamento humano, portanto, seria preciso criar meios de comunicação que operassem semelhantemente a esse pensamento.

Assim, haveria a necessidade de se criar meios capazes de acompanhar a dinamicidade da mente humana, que não se limita ao espaço físico, e que tem necessidade de ir além dessa limitação. Para o autor, essa dificuldade foi solucionada com a criação dos novos meios de comunicação que possibilitaram o advento de um novo espaço; um espaço virtual que não pode ser controlado totalmente por instituições, partidos, grupos, ideologias etc. Elimina-se, então, o espaço homogêneo e delimitado por fronteiras geopolíticas e, com ele, o tempo cronológico e linear.

O processo de criar significados no contato com a linguagem virtual incorpora todos os aspectos físicos e psicológicos da

pessoa e a interação dela com os outros em um certo ambiente que vai além do espaço físico em que normalmente a pessoa se comunica. O ciberespaço é considerado o “espaço virtual”, onde a presença física (como normalmente é concebida) não é necessária pois a comunicação por si mesma oferece à pessoa um modo novo de manipular a mensagem, criar, recriar, impactar os outros, com técnicas que o computador, por exemplo, oferece hoje. (SANTOS, 2001, p.76).

O espaço virtual cria, então, um novo lugar de comunicação, alterado pela velocidade, imagem, digitalização do texto, que acaba por afetar as pessoas e o modo como elas se comunicam e vivem e, conseqüentemente, a cultura, as instituições e a ética.

O termo ciberespaço (cyberspace) foi usado pela primeira vez, em 1984, pelo escritor de ficção científica William Gibson, em sua novela “Neuromancer”, na qual descreveu um ambiente eletrônico em que a informação e os programas podiam ser vistos e manipulados no mesmo momento em que eles eram fisicamente concebidos (forma, cores, movimentos).

Para Santos (2001) o ciberespaço é como a realidade virtual, que está repleta de imagens representadas nas formas eletrônicas, e que simbolicamente representam o mundo físico. É, portanto, real e imaginário; um tipo de sonho coletivo e um lugar onde pessoas se encontram e partilham experiências que interferem seriamente na vida delas e deixam conseqüências em suas existências (comunicação não neutra).

Bolter (*apud* MARCUSCHI, 2001) descreve o ciberespaço - hipertexto - como um “novo espaço de escrita, uma nova área que vai além do espaço da folha de papel e além do espaço do livro e, além disso, é uma realidade apenas virtual. É um espaço aberto, sem margens e sem fronteiras”.

Marcuschi (*ibid*), ao refletir acerca dessa caracterização, prefere conceituar esse espaço como um espaço cognitivo que exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto; sobretudo as estratégias que dizem respeito à continuidade textual. O espaço não é mais linear e nem se comporta numa direção definida exigindo, assim, muito mais conhecimentos prévios e maior consciência quanto ao buscado, já que é um permanente convite a escolhas, muitas vezes, inconseqüentes.

O ciberespaço é, assim, um espaço sem dimensões, um universo de informações navegáveis de forma instantânea e reversível. Ele é hoje um espaço de comunhão, colocando em contato pessoas do mundo todo. Elas estão utilizando todo potencial da telemática para se reunir por interesses comuns, para bater papo, para trocar arquivos, fotos, música, correspondência. O *e-mail* e os *chats* são hoje as ferramentas mediáticas mais utilizadas pela internet. Mais do que um fenômeno técnico, o ciberespaço é um fenômeno social.

Castells (2000) relata que essa cultura da virtualidade real associada a um sistema multimídia eletronicamente integrado, contribuiu para a transformação não só do espaço, mas também do tempo em nossa sociedade; e isso se deu de duas formas diferentes: simultaneidade e intemporalidade.

O tempo real do ciberespaço não é o tempo linear e progressivo da história. Ele é o tempo de conexões, do aqui e agora. Um tempo presenteísta, correspondente ao presenteísmo social contemporâneo.

Circular pela Web, participar dos MUDs, recomeçar um jogo eletrônico ou um CD Rom, perder-se nos links dos hipertextos, voltar várias vezes à home page preferida, etc., tudo isto faz do tempo real do ciberespaço um tempo especial que impregna toda a cultura contemporânea. O tempo real da informática é correlato ao tempo presenteísta da sociedade contemporânea, encontrando, mais uma vez, a essência da cibercultura: a imbricação entre uma socialidade contemporânea e as máquinas do ciberespaço. Hoje os computadores pessoais são cada vez menos “pessoais” e cada vez mais computadores coletivos, máquinas de conexão. (LEMOS, 2002, p.107)

1.3.2 A COMUNICAÇÃO MEDIADA POR COMPUTADOR

Na cibercultura, as questões de linguagem assumem um papel fundamental já que a comunicação eletrônica faz uso de uma linguagem híbrida que agrega a linguagem desenvolvida pelos outros meios de comunicação em massa e também apresenta novos gêneros de texto, hipertextos, que culminam em novas estratégias de produção e de leitura.

Neste sentido, Chartier (1999) menciona que a escrita na Internet nos induz a pensar como nossa concepção de texto está sendo alterada e como essa modificação carrega, desde o processo de sua criação, os vestígios dos usos e interpretações permitidos pelas formas que a precederam. Assim, as novas tecnologias incorporam os antigos avanços tecnológicos e passam a introduzir mudanças que promovem e exigem novos modos de interação com o texto e via o texto escrito.

Criam-se novas formas de organizar e administrar os relacionamentos interpessoais (ou hiperpessoais). Há a possibilidade de anonimato entre os interlocutores através de um apelido (*nickname*) e a interação pode ser síncrona ou não; sendo possível a formação de comunidades virtuais nas quais os membros interagirão de forma rápida e eficaz em torno de interesses ou assuntos em comum.

Dependendo, ainda, do tipo de linguagem utilizada; da identificação ou não dos interlocutores e número destes; da sincronidade ou não da interação; do tempo de espera e de envio de mensagens ou sinais; da quantidade do texto permitido; da

riqueza e variedade dos sinais (texto + som + imagem etc.) teremos um tipo de discurso.

Surgem os hipertextos, os gêneros digitais, os sites de relacionamentos, as *home-pages* que irão transformar definitivamente a comunicação humana.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura*. Trad. Roneide Venâncio Majer, 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1999.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. Da tecnologia da escrita à tecnologia da Internet. IN: _____ & COSTA, Sérgio Roberto. *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- HILGERT, José Gaston. A construção do texto “falado” por escrito: a conversação na Internet. In: PRETI, Dino (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas (FFLCH/USP), 2000, p. 17-55.
- LEMONS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. In: *Linguagem e Ensino*, vol. 4, nº 1, 2001, p. 79-111.
- ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita*. Campinas: Papirus, 1998
- SANTOS, Gildásio Mendes dos. *A realidade do virtual*. Campo Grande: UCDB, 2001.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora Senac, 2001.

ORAL CULTURE UNTIL CYBERCULTURE: REVIEW OF TECHNOLOGY OVER TIME

ABSTRACT: In this article we attempted to conduct a historical retrospective with the purpose of identifying the peculiarities of the oral culture, written culture and the current cyberculture watching how is the human interaction (space and time of interaction) in every culture. When referring to the characteristics of each one, it was found that the various technologies related to the particular culture influenced and influence the possible interactions.

KEYWORDS: Oral Culture, Written Culture, Cyberculture.

Recebido em 07 de outubro de 2009; aprovado em 10 de novembro de 2009.